



PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO BAIRRO: UMA METODOLOGIA PARTICIPATIVA

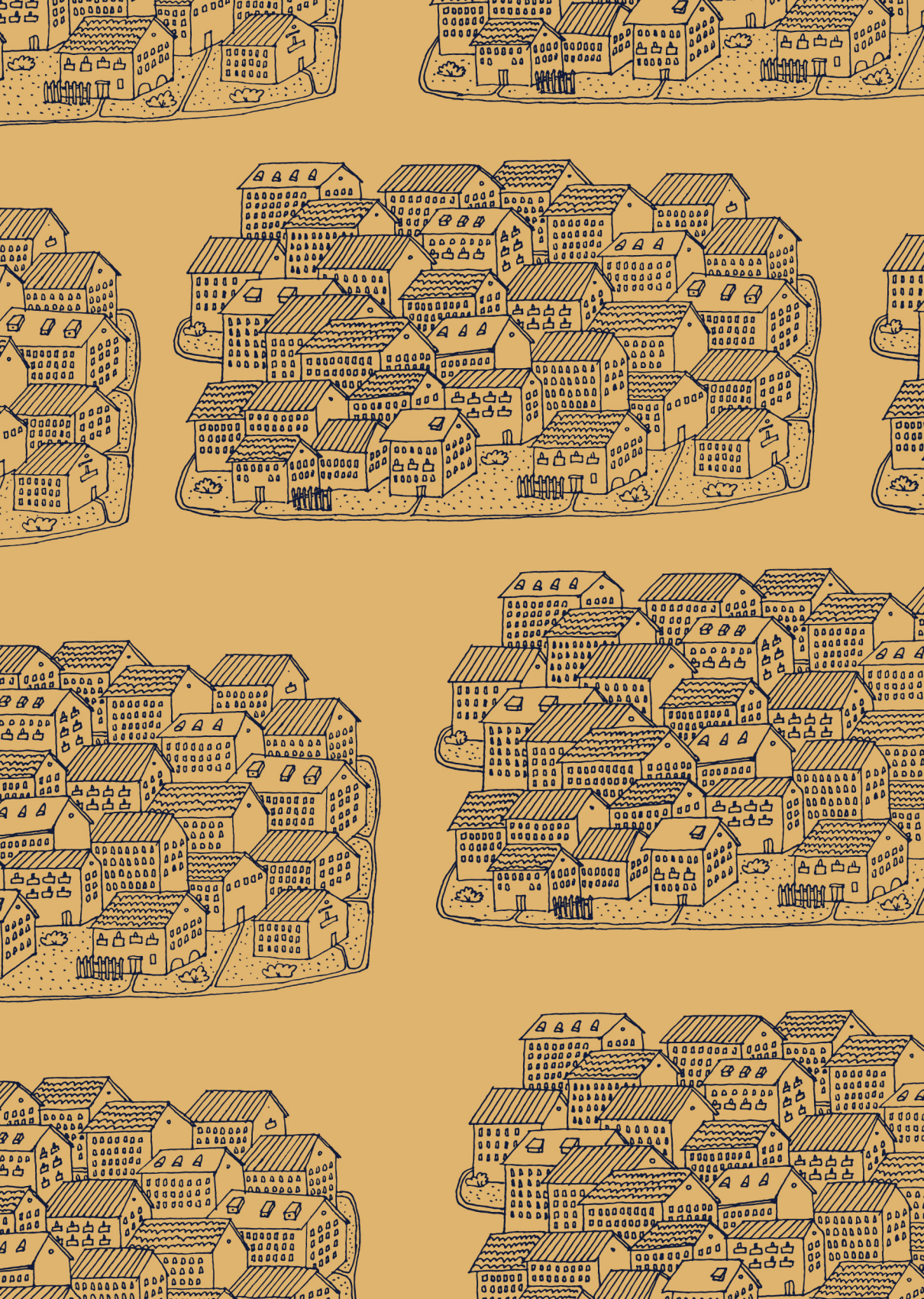
FECOMERCIOSP 



PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO BAIRRO: UMA METODOLOGIA PARTICIPATIVA


DESENVOLVI
MENTO LOCAL
FECOMERCIO-SP


FECOMERCIO-SP



SUMÁRIO

6

APRESENTAÇÃO

12

O QUE É
BAIRRO?

14

O QUE É UM PLANO
DE DESENVOLVIMENTO
DO BAIRRO?

16

O QUE É IMPORTANTE
CONSIDERAR NA ELABORAÇÃO
DO PLANO?

18

ESTRUTURA DO PLANO
E METODOLOGIA

Apresentação | Histórico | Governança local | Visão de futuro | Objetivos | Dados demográficos | Ativos e oportunidades | Diagnóstico técnico | Diagnóstico participativo | Problemas e soluções | Programas e projetos em andamento | Plano de ação / cronograma

42

PACTO LOCAL

Recursos para elaborar e implementar o plano | Fórum de desenvolvimento local



APRESENTAÇÃO

O objetivo desta cartilha é oferecer às comunidades uma metodologia prática para que elas possam elaborar seu Plano de Desenvolvimento de Bairro, documento em que os moradores destacam as melhorias necessárias à sua comunidade no que diz respeito a infraestrutura urbana e ofertas de produtos e de equipamentos públicos. Quando acordadas com as sub-prefeituras, as diretrizes da população ganham status de lei e, como tal, passam a ser incorporadas pelo Poder Municipal.

A ideia é mostrar aos cidadãos como eles podem se organizar e interagir com os agentes públicos e da iniciativa privada para elaborar o plano de ação que melhore suas condições de vida e seu convívio social.

A metodologia se baseia nas ações do Senac São Paulo nas regiões em que este atua, e nas sugestões levantadas nos fóruns realizados pela FecomercioSP no decorrer deste ano, que reuniram lideranças comunitárias, formadores de opinião e especialistas em planejamento urbano.

A Lei Federal 10.257/01, denominada Estatuto da Cidade, obriga que todo município com mais de 20.000 habitantes e estâncias turísticas elaborem seu Plano Diretor que, por sua vez, deve orientar os Planos Plurianuais, as leis de diretrizes orçamentárias e de orçamentos anuais – ou seja, os instru-



mentos de planejamento financeiro do município. No caso da cidade de São Paulo, dividida em 32 subprefeituras, há a previsão de elaboração de Planos Regionais que contêm também os Planos de Desenvolvimento do Bairro.

A seguir, as principais propostas do Projeto de Lei 688/13, que promove a revisão do Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo, cuja votação está prevista para dezembro de 2013.

Planos Regionais das Subprefeituras:

- Sua elaboração fica por conta das subprefeituras com supervisão da Secretaria Municipal de Coordenação das Subprefeituras e da Secretaria Municipal de Desenvolvimento, e participação dos municípios de cada região nos diagnósticos, concepção, aprovação, monitoramento, fiscalização e revisão.
- Devem atender às peculiaridades do sítio de cada região e às necessidades e opções da população que nele reside ou trabalha. Precisa se articular com o Plano de Desenvolvimento do Bairro.

Plano de Desenvolvimento do Bairro:

- Deve ser elaborado numa ação conjunta entre subprefeitura, conselheiros participativos municipais e comunidade para fortalecer o planejamento/controlar social local e promover melhorias urbanísticas, ambientais, paisagísticas e habitacionais por meio de ações, investimentos e intervenções previamente programadas.



- Precisa definir o território a partir de identidades comuns em relação a aspectos socioeconômicos e culturais reconhecidas por seus moradores e usuários.
- É necessário que apresente propostas para melhorar:
 - I.** a infraestrutura de microdrenagem e de iluminação pública;
 - II.** oferta e o funcionamento de equipamentos urbanos e sociais de saúde, educação, cultura, esporte, lazer e assistência social, entre outros, adequados às necessidades dos moradores de cada bairro;
 - III.** a acessibilidade aos equipamentos urbanos e sociais públicos;
 - IV.** os passeios públicos, o mobiliário urbano e as condições de circulação de pedestres, ciclistas e pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida;
 - V.** a qualidade ambiental das áreas residenciais;
 - VI.** o sistema viário local e o controle de tráfego;
 - VII.** os espaços públicos e as áreas verdes, de lazer e convivência social;
 - VIII.** as condições do comércio de rua;
 - IX.** a limpeza, arborização e jardinagem de passeios, espaços e praças públicas;



- X.** a coleta de lixo, inclusive a seletiva;
 - XI.** as condições de segurança pública, em especial no entorno dos equipamentos educacionais;
 - XII.** a proteção, recuperação e valorização do patrimônio cultural e ambiental;
 - XIII.** as condições para o desenvolvimento de atividades econômicas;
 - XIV.** os espaços públicos adequados à convivência social;
 - XV.** a sinalização para veículos e pedestres;
 - XVI.** a segurança na circulação de pedestres;
 - XVII.** os espaços para instalação de galerias para uso compartilhado de serviços públicos, inclusive centrais de produção de utilidades energéticas localizadas;
 - XVIII.** a segurança alimentar e nutricional da população, bem como a implantação de hortas comunitárias.
- ⇒ Definir propostas para tornar o sistema viário o mais propício e seguro possível para a circulação de bicicletas, além de prever um sistema cicloviário local, articulado com o sistema de transporte coletivo, áreas verdes e principais equipamentos urbanos e sociais.



- ⇒ Indicar as áreas necessárias para a implantação, no mínimo, dos equipamentos urbanos e sociais, espaços públicos, áreas verdes e vias públicas locais novas.
- ⇒ Ser elaborado a partir das seguintes diretrizes:
 - I.** identificação de diferentes demandas urbanas, sociais e ambientais a partir de: **A)** pesquisas de campo realizadas junto aos moradores dos bairros, **B)** análises de dados secundários produzidos por diferentes órgãos de pesquisa, **C)** análises de estudos existentes;
 - II.** utilização de metodologias participativas nas diferentes etapas de elaboração;
 - III.** utilização de abordagens interdisciplinares.
- ⇒ Ser editado por decreto, após aprovação pelos Conselhos de Representantes das Subprefeituras, previstos nos artigos 54 e 55 da Lei Orgânica do Município, ou até a instituição destes pelos Conselhos Participativos Municipais.

O urbanista Kazuo Nakano destaca que o Plano de Desenvolvimento de Bairro é um conjunto de ações intersetoriais, pois inclui temas como habitação, melhorias viárias, melhoria de calçadas, construção de creches, construção de escolas... Sua amplitude não permite que ele fique restrito a um órgão específico da Prefeitura – exige ação intersecretarias.

O QUE É BAIRRO?

Na maioria das cidades do mundo, bairro é uma comunidade ou região localizada dentro de uma cidade ou município. Ele é considerado a unidade mínima de urbanização.

O bairro também se caracteriza pelo “sentimento de localidade” existente nos seus moradores, e cuja formação depende não apenas da posição geográfica, mas também do intercâmbio entre as famílias e as pessoas.

Podemos dizer ainda que é o lugar ao qual os moradores têm consciência de pertencer.

Para o urbanista Kazuo Nakano, bairro é uma escala micro-local – ou seja, território de vivência onde as pessoas moram e se relacionam, onde vivem o dia a dia, circulam, têm relação de vizinhança e convivem com problemas concretos que afetam seu cotidiano. O bairro não é limite administrativo: é uma entidade cultural e antropológica. A própria delimitação já é parte do conteúdo do Plano de Desenvolvimento do Bairro. É preciso inserir esse processo de discussão na elaboração do Plano.



O QUE É UM PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO BAIRRO?

A resposta direta poderia ser: **um caminho a percorrer para o futuro desejado.**

Em outras palavras, é um documento que registra os sonhos por melhor qualidade de vida de grande parte da comunidade do território identificado como bairro. Para torná-los realidade é importante que se estabeleça visão de futuro, propostas e projetos a serem implementados.

Por ser um instrumento de planejamento mais próximo do cidadão/morador, o Plano de Desenvolvimento do Bairro deve ser elaborado em ambientes que promovam condições de interação entre essas pessoas.

É importante que a comunidade tenha oportunidade de experimentar diversos tipos de ambiente e ferramentas de criação por meio das quais possa interagir, tais como fóruns, rodadas de diálogo, world café, eventos, festas, Facebook, plataformas digitais... Enfim, opções que podem ser criadas pela própria comunidade para gerir informações, ideias e propostas.

O Plano deve apontar o caminho a ser percorrido por comunidade e Poder Público para alcançar o conjunto de objetivos que trará as melhorias necessárias.



O documento tem relação direta com o Plano Diretor Estratégico e com os Planos Regionais Estratégicos das subprefeituras. O Plano de Bairro é um instrumento da subprefeitura.

Por isso é importante que o grupo de pessoas que anima o planejamento leve em conta que a comunidade anseia por soluções aos seus problemas. Nesse caso, devem ser criados ambientes favoráveis para que as pessoas possam se manifestar e, principalmente, propor ações pontuais com execução imediata e durante o processo de planejamento. Para essas ações é importante propor o que **eu, você, nós** podemos fazer, em vez de apontar o que os outros devem fazer.

O QUE É IMPORTANTE CONSIDERAR NA ELABORAÇÃO DO PLANO?



- Reconhecer o bairro e mostrar o lugar que se quer – ou seja, orientar o trabalho por visão de futuro.
- Delimitar o território para saber em qual área será realizada a intervenção.
- Reconhecer a identidade do bairro: história, cenário e cultura.
- Desenvolver o registro da memória social do passado, presente e futuro.
- Conhecer detalhadamente o que está acontecendo no lugar.
- O diagnóstico local deve ser participativo. É preciso promover espaços para a interação dos participantes e desenvolver plataformas digitais para debater problemas e propor sugestões.
- Envolver muito diálogo, considerar o tempo de cada pessoa e as várias formas de conseguir com a comunidade informações e propostas.
- Ouvir também as pessoas que não moram no lugar, mas nele circulam e o impactam de alguma forma.
- Considerar o desenvolvimento e a disponibilidade de ferramentas de gestão e mediação de conflitos.
- Ter ações de curto, médio e longo prazo.
- Ser um processo de responsabilidade compartilhada com algumas ações sendo feitas pelo Governo e outras pela própria comunidade.

ESTRUTURA DO PLANO E METODOLOGIA

A seguir, apresentaremos uma proposta de estrutura de Plano utilizada para orientar a redação de alguns itens e o passo a passo para o desenvolvimento de outros.

Sugerimos que constem na estrutura os seguintes itens: apresentação; histórico; governança local; visão de futuro; objetivos; dados demográficos; ativos e oportunidades; diagnóstico técnico; diagnóstico participativo; problemas e soluções; programas e projetos em andamento; plano de ação/cronograma.

Apresentação

É importante que o Plano tenha uma apresentação inicial. A sugestão é fazer uma descrição geral e resumida do assunto principal do Plano. É interessante também descrever o cenário geral, mostrar as principais dificuldades e oportunidades do local.



Histórico

Descrever o processo de desenvolvimento do bairro, sua história, a trajetória dos movimentos sociais e as articulações realizadas nas diversas fases de elaboração do Plano.

Governança local

O item diz respeito à força política que se constrói em torno dos pactos para a realização de projetos que promovem o desenvolvimento local. Trata-se do núcleo comunitário ou grupo de planejamento que atua para aumentar a participação popular, organizar as estratégias de trabalho e sistematizar todas as informações geradas pela comunidade.

É importante que, já no início do trabalho, o grupo de planejamento articule com subprefeitura e conselheiros participativos municipais a fim de construir a governança local. Para uma governança forte é preciso que haja muita conexão entre as pessoas, ou seja, rede.



Grupo de planejamento para aproximar os participantes:

1. Organizar encontros com pessoas interessadas no desenvolvimento do bairro.
2. Promover diálogos para formar conexões entre as pessoas e identificar o talento de cada uma.
3. Entender os interesses que os participantes têm em comum.
4. Estimular que as pessoas se conheçam e criem vínculos de confiança.
5. Definir com a comunidade um método para informar os envolvidos nas festas e atividades de interesse local, bem como nas reuniões referentes ao Plano.
6. Promover sempre a interação entre as pessoas.
7. Manter a dinâmica de rede durante o processo de planejamento e execução do Plano.
8. Registrar as principais ideias e propostas.
9. Criar uma forma de disponibilizar as informações para a comunidade.

É importante registrar o processo de articulação e de fortalecimento da governança, bem como relatar as dificuldades. Esse material ajudará novos participantes a entenderem o processo do planejamento participativo.



Visão de futuro

Como os moradores gostariam de ver o bairro nos próximos anos, como o lugar seria se os sonhos de seus habitantes fossem realizados. A ideia é propor uma referência nova, uma perspectiva de vida diferente. Para construir a visão de futuro de forma coletiva é importante que o grupo de planejamento:

1. Promova o diálogo entre os participantes antes de iniciar uma atividade – essa ação cria confiança e aproxima as pessoas.
2. Peça para que cada um do grupo imagine tudo o que pode ser melhorado no bairro entre os próximos cinco e dez anos.
3. Permita que as pessoas compartilhem seus sonhos.
4. Registre todas as manifestações das pessoas.
5. Mostre os resultados e solicite comentários dos participantes.
6. Repita essa dinâmica em diversos grupos.
7. Organize as informações e torne a validar as propostas promovendo diálogo entre os participantes.
8. Registre uma declaração de visão ou visões de futuro para o bairro.
9. Valide essa declaração com os participantes, usando palavras e expressões mais próximas da cultura local.



Objetivos

Indicam desdobramentos do tópico “Visão de futuro” e o conjunto dos principais resultados que a comunidade deseja alcançar a médio e longo prazo. Os objetivos vão sendo identificados e escritos no processo de desenvolvimento do planejamento.

Dados demográficos

Quando possível, é importante conhecer e analisar a composição da população: número de homens e mulheres, fatores determinantes do crescimento do lugar e condições socioeconômicas. Esses dados são relevantes na idealização das ações que possam melhorar a qualidade de vida da população.

Existem dados demográficos no âmbito do distrito. Nos casos em que uma comunidade escolher realizar um Plano de Bairro em outro território, será necessário efetuar novo levantamento ou ter como referência os dados do distrito. Para isso, é recomendável desenvolver uma pesquisa local (com ajuda de universidades ou de institutos de pesquisa) para obter as informações necessárias.

Ativos e oportunidades

Indicam os recursos e talentos humanos do bairro, a capacidade de desenvolvimento de oportunidades e o potencial de empreendimentos na localidade.

Para identificar ativos e oportunidades é importante que o grupo de planejamento:

1. Perceba as manifestações das pessoas nos encontros coletivos de planejamento.

2. Registre tudo o que a comunidade relata como ativos e oportunidades.

3. Registre no processo do diagnóstico participativo os novos relatos sobre ativos e oportunidades locais.

4. Organize as informações.

5. Promova rodadas de diálogo para validar os ativos e oportunidades.

Definição dos segmentos socioeconômicos

Enquanto a comunidade administra seus problemas, cabe ao grupo gestor ajudar a identificar os temas principais que podem ser organizados em segmentos socioeconômicos. Isso pode facilitar a compreensão dos problemas e o planejamento, uma vez que as comunidades têm dificuldades e características muito específicas. Por isso, os segmentos apresentados aqui são uma referência de organização, e não uma obrigatoriedade administrativa.

Os segmentos econômicos sugeridos são: saúde, educação, renda, cultura, lazer, moradia, segurança, economia, infraestrutura e desenvolvimento urbano.

A partir de cada segmento serão tratados os diversos problemas e propostas as soluções. Para chegar a esse ponto, é fundamental a realização de um diagnóstico técnico e um diagnóstico participativo.



Diagnóstico técnico

Compõem os dados técnicos as informações coletadas em fontes oficiais como Prefeitura, IBGE e outros institutos de pesquisa. Na cidade de São Paulo existem informações técnicas na escala do distrito. É possível que uma empresa, universidade ou mesmo a população local tenha realizado alguma pesquisa ou levantamento de informações com relação a algum segmento. Para fazer novos levantamentos de informações e pesquisas é importante buscar parcerias com universidades e acionar o setor de planejamento ou informações da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano.

Segue exemplo de como levantar informações sobre a economia local e o mercado de trabalho:

- Quais os setores econômicos do bairro contribuem para a riqueza do município?
- Quais os ramos de atividades desses setores?
- Quais as tendências observadas pelo setor produtivo?
- Em que atividades se concentram as micros e pequenas empresas?
- Em que atividades se concentram as médias e grandes empresas?

- O bairro tem algum potencial competitivo em relação ao município ou região? (Mão de obra qualificada, localização estratégica, recursos naturais, patrimônio histórico...)

Para levantar informações locais de cada segmento é importante que o grupo de gestão:

- Procure na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano os dados técnicos disponíveis para o local em estudo.
- Para complementar as informações, identifique grupos universitários e das secretarias municipais correspondentes ao segmento a ser pesquisado.
- Elabore as perguntas.
- Oriente os voluntários que farão a pesquisa.
- Organize as informações coletadas.
- Sistematize os resultados.
- Crie um cenário técnico sobre o segmento socioeconômico pesquisado.



Diagnóstico participativo

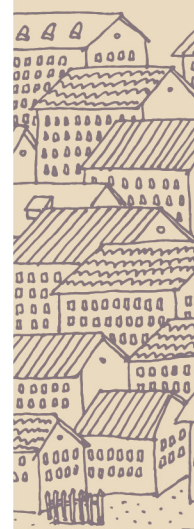
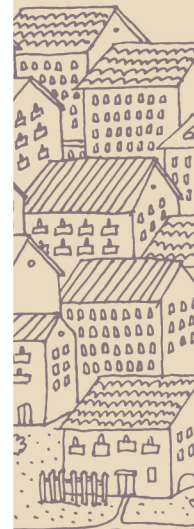
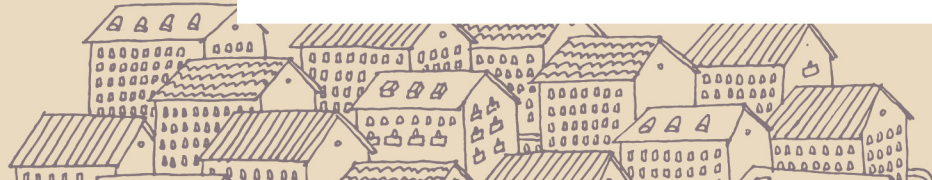
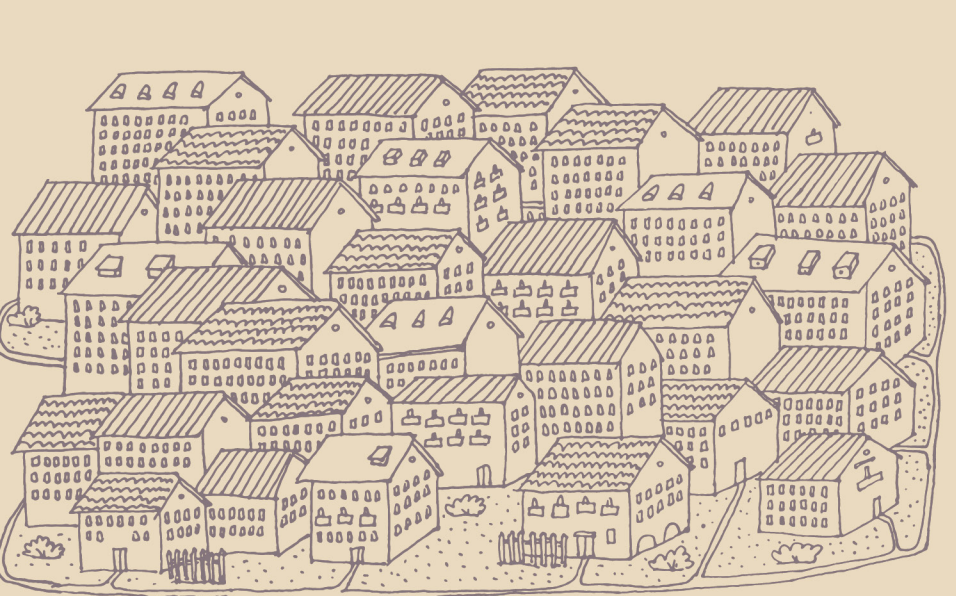
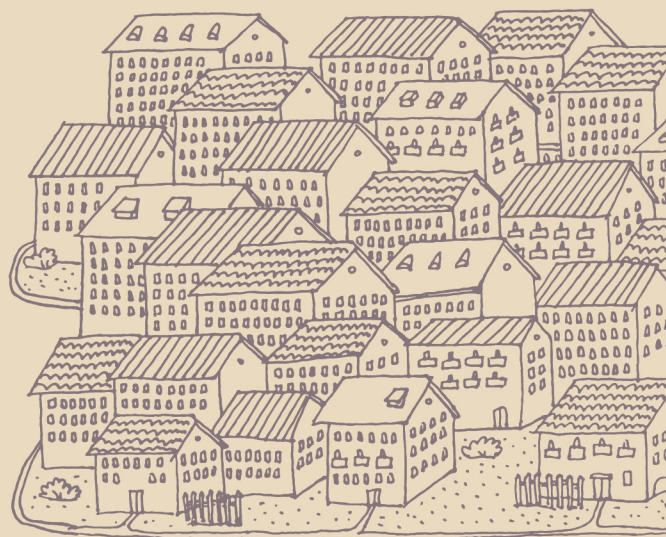
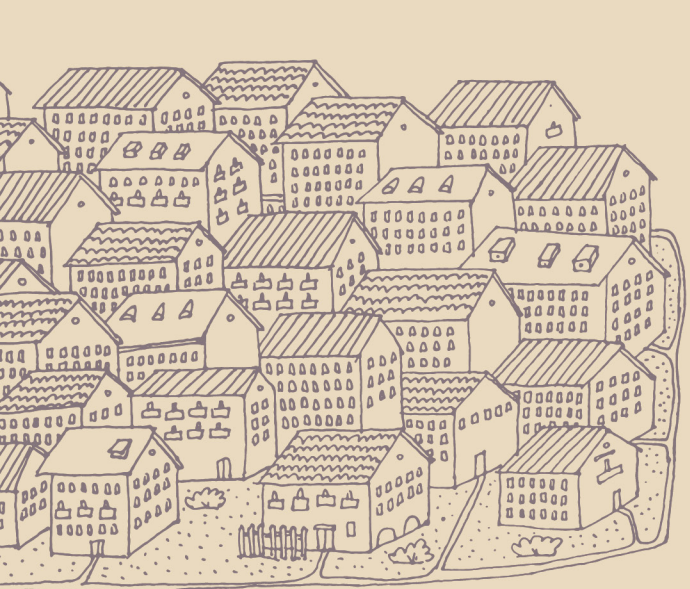
O diagnóstico participativo é um retrato da situação local, derivado das informações levantadas junto à comunidade por meio de fóruns, eventos, festas, Facebook, pesquisas etc. Ajuda os habitantes a aprenderem mais sobre o que o lugar oferece em cada um de seus segmentos socioeconômicos (saúde, educação, renda, etc.) e permite obter o perfil da localidade por meio da visão e percepção das pessoas que nela residem e atuam. Possibilita a interpretação da própria comunidade sobre como as condições do local influenciam na vida dos seus habitantes, bem como a identificação conjunta das oportunidades e possibilidades existentes para melhorar tais condições. Compõe, portanto, junto com a visão de futuro, a base para a elaboração das prioridades do Plano de Bairro.

Por meio do diagnóstico participativo, os participantes podem compartilhar uma visão mais ampla da realidade de seu bairro/distrito, a fim de prevenir a fragmentação de interesses e promover o entendimento da inter-relação entre os segmentos socioeconômicos.



Para obter o diagnóstico participativo o grupo de planejamento pode:

- 1.** Ajudar a comunidade a entender o que é diagnóstico participativo estimulando a discussão sobre os segmentos socioeconômicos e outros assuntos de interesse local.
- 2.** Planejar a pesquisa de campo e orientar a comunidade a obter informações sobre o lugar onde mora – caminhadas, fotos, conversas e questionários ajudam a realizar esse trabalho.
- 3.** Organizar as informações coletadas por segmento, ou de outra forma que a comunidade melhor se identificar.
- 4.** Criar um cenário para cada segmento, ou de outra forma que a comunidade melhor se identificar.
- 5.** Sistematizar problemas e soluções de melhoria para cada segmento, ou de outra forma que a comunidade melhor se identificar.
- 6.** Compartilhar as informações sistematizadas.
- 7.** Promover novas rodadas de diálogo para que a comunidade possa validar e incorporar os resultados.



PASSO A PASSO PARA O DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO

Antes, algumas premissas: **A)** promover diálogo permanente e interação entre as pessoas que participam do processo; **B)** lembrar que o conhecimento está na rede (nas pessoas que estão dentro ou fora do grupo) e na leitura de estudos e pesquisas; **C)** levar em conta que a aprendizagem em grupo é lenta.

O grupo de planejamento ou a pessoa que conduz a realização do diagnóstico participativo deverá estar atenta ao registro das propostas dos participantes durante todo o processo, e classificá-las, por exemplo, como visão de futuro e de passado, principais problemas, principais soluções, oportunidades, etc.

Seis etapas para realizar o diagnóstico participativo:

1. Implantação de base conceitual.
2. Realização dos mapas cognitivos do bairro.
3. Iniciar a construção do mapa real.
4. Visita de campo: descobrindo o bairro.
5. Continuar a construção do mapa real.
6. Definir os problemas do bairro e encontrar as soluções.



Vamos passo a passo?

1. Implantação de base conceitual

FINALIDADE: compreender a importância da utilização do diagnóstico participativo no desenvolvimento local.

DINÂMICA: solicitar que os participantes, a cada 5 ou 6 pessoas, se sentem formando uma roda. Cada um deverá escrever em uma folha qual a sua definição individual de diagnóstico participativo e para que este serve. Pedir que se apresentem ao grupo dizendo seu nome e compartilhem suas ideias. Cada grupo escolhe um relator que sintetizará as principais ideias e compartilhará o resultado com todos os participantes. O facilitador do encontro deverá comparar as propostas com outros conceitos de diagnóstico participativo.




2. Realização dos mapas cognitivos do bairro (trata-se do desenho do bairro que está na mente de cada um)

FINALIDADE: introduzir o conceito da diversidade de percepções sobre um mesmo espaço geográfico. Apresentar os principais segmentos para a realização do diagnóstico participativo, tais como saúde, educação, renda, moradia, população, economia, cultura, lazer e meio ambiente.



MATERIAL: uma folha de papel e um lápis ou caneta por participante.

DINÂMICA: solicitar que os participantes, a cada 5 ou 6 pessoas, se sentem formando uma roda. Cada um deverá dizer apenas seu nome e responder a pergunta: “Para que servem os mapas?”. Em seguida, os participantes deverão desenhar o mapa do bairro da forma mais detalhada possível, identificando vias de transporte, pontos de referência (estátuas, pontos turísticos), espaços de grande circulação de pessoas (centros comerciais, praças, espaços culturais/esportivos), escolas, hospitais, parques, etc. Deverão ainda demarcar as ruas principais, a localização de sua casa ou trabalho, e outros itens que os estimulem a pensar no bairro de forma ampla. Solicitar que posicionem os desenhos no centro da roda e comentem sobre as principais diferenças observadas entre os mapas desenhados. O facilitador deverá abordar como os diferentes mapas refletem diversas interpretações do espaço geográfico. Explicar que esse exercício ajuda a demonstrar como existem preocupações e interesses variados em um mesmo lugar, em razão de cada um perceber/enxergar um mesmo espaço de forma diferente. Mediar o diálogo e a conclusão comparando como cada participante apresentou fisicamente as questões de cada segmento (saúde, educação, renda etc.).





3. Iniciar a construção do mapa real

FINALIDADE: apresentação do mapa do bairro e do distrito. Comparação entre os mapas cognitivos e o mapa geopolítico do bairro. Aprofundar o entendimento da diversidade de percepções sobre cada segmento.

MATERIAL: mapa geopolítico do bairro, gravador e/ou filmadora/máquina fotográfica.

DINÂMICA: mostrar o mapa geopolítico do bairro e solicitar aos participantes que o comparem com os mapas cognitivos. Fazer algumas perguntas – exemplo: “Você localizou sua casa ou seu local de trabalho no mapa geopolítico?” ou “Você percebe alguma diferença entre a relação de distância e direção dos lugares que você desenhou e onde eles se encontram?”. Os grupos devem comparar e buscar consenso sobre o que é importante incluir no mapa e, então, localizar e marcar no mapa geopolítico os elementos que incluíram quando desenharam os mapas cognitivos do bairro.

SE POSSÍVEL: facilitar o consenso entre os participantes, pedindo que identifiquem os principais elementos e façam as representações físicas dos segmentos. Por exemplo, para educação, eles podem desenhar onde ficam escolas, universidades, centros educacionais. Para população e moradia,


podem utilizar símbolos para identificar as partes do município que possuem as maiores concentrações populacionais. Durante esse processo, facilitar o debate sobre as questões que movem cada segmento. Fotografar o mapa com as representações desenhadas pelos participantes. Concluir a atividade motivando todos a expressarem o que aprenderam de novo sobre o bairro em que vivem e/ou atuam.

4. Visita de campo: descobrindo o bairro

FINALIDADE: buscar todo tipo de informações relacionadas às questões levantadas no mapa real. Identificar a atual situação do bairro por meio de questionário/pesquisas, entrevistas e registros fotográficos referentes aos segmentos socioeconômicos.

MATERIAL: gravador e/ou filmadora, máquina fotográfica, papel/caneta para anotações e para ampliar os elementos do mapa real.

DINÂMICA: dividir o bairro de acordo com seu tamanho e com as possibilidades dos participantes em visitar cada local. Solicitar que formem grupos (os participantes deverão se agrupar com pessoas com quem geralmente não têm a oportunidade de estabelecer contato) e avisar que cada grupo representará uma localidade escolhida. Cada grupo realizará



uma pesquisa informal prévia sobre o local escolhido. O trabalho consiste em buscar nos jornais do bairro, em calendários de eventos, internet e rádios comunitárias informações sobre os segmentos socioeconômicos. O grupo deve responder as perguntas: “O que as pessoas pensam sobre os segmentos?” e “O que há de melhor no bairro em cada um deles?”. O grupo deverá se basear nas informações obtidas pela pesquisa informal prévia para elaborar o questionário da pesquisa, que pode incluir alguma indagação livre durante o contato com a comunidade. É importante ouvir e considerar as histórias contadas pelas pessoas mais velhas, pois nesses depoimentos aparecem fatos que indicam o que já foi ou não realizado, o que deu certo e errado – o histórico é uma espécie de visão do passado que deve ser considerada no momento de priorizar os projetos para o Plano. Agendar a visita ao bairro/distrito, sendo que todos os membros do grupo devem ir juntos. É uma visita de descoberta: os participantes devem caminhar pelo bairro; conversar com pessoas nos pontos de ônibus, com os comerciantes; observar a movimentação das ruas; visitar pontos culturais, parques; perguntar sobre o que acontece em determinado lugar durante a semana. No decorrer da visita, cada participante deve: **A)** registrar o caminho que o grupo fez; **B)** fotografar tudo o que simboliza a realidade do bairro em cada segmento socioeconômico; **C)** filmar/fotografar ou anotar comentários de moradores, comerciantes e pessoas que encontrar durante a visita.

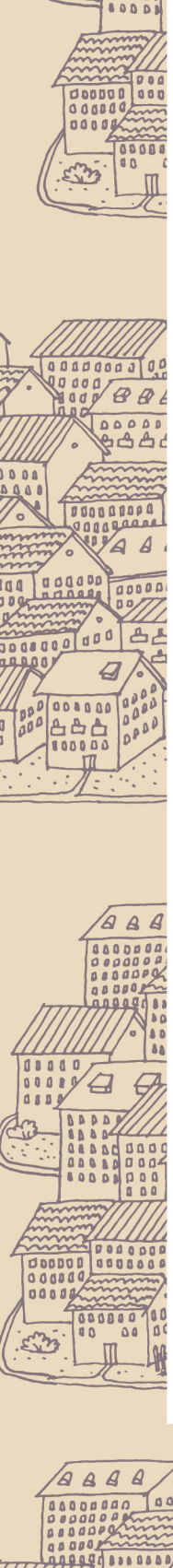
Na visita de campo com todos os participantes, as datas das visitas de cada grupo já devem ser agendadas. Recomenda-se também definir a data do próximo encontro com todos os participantes e explicar a necessidade de todos trazerem cópias das fotos, enumeradas e nomeadas da seguinte forma: atrás de cada foto escrever o nome do bairro onde se localiza a imagem, a localização específica de onde a foto foi tirada e o segmento ao qual ela se relaciona mais diretamente.

5. Continuar a construção do mapa real


FINALIDADE: reproduzir visualmente (utilizando a colagem de fotos) a realidade socioeconômica e ambiental do bairro encontrada pelos participantes. Criar um cenário para cada segmento e identificar os problemas e as soluções sugeridas na visita de campo.

MATERIAL: mapa geopolítico do bairro, canetinha hidrográfica (ao menos 10 cores diferentes), blocos de anotação *post it* e filmadora/máquina fotográfica.

DINÂMICA: o mapa geopolítico de cada tema deve ser aberto sobre a mesa, no chão, ou pendurado – o importante é que todos os participantes possam visualizá-lo. Solicitar que o grupo selecione uma cor de canetinha para cada segmento. Distribuir ou deixar ao alcance dos participantes os blocos de




anotação *post it*. Gravar e/ou filmar os grupos apresentando, com as fotos que tiraram, suas descobertas sobre os temas e lugares que visitaram. Enquanto um participante fala, os outros devem anotar, utilizando os blocos *post it*, as informações contidas nas fotos – número e local em que foram tiradas. Cada anotação deve ser escrita na cor referente ao seu tema (ex: verde = meio ambiente; vermelho = saúde). As anotações devem ser sucintas, cabendo nas dimensões da folha do bloco *post it*. As apresentações não necessitam ser por grupo. O facilitador deve estimular que um participante (ou grupo) comente sobre um segmento, e outros participantes (ou grupos) podem comentar sobre algo semelhante ou relacionado a outras partes do bairro. Dessa forma, as apresentações não são sequenciais por partes do bairro e, sim, um intercâmbio de informações e relações entre os principais segmentos. O facilitador deve mediar as apresentações para que elas não fujam dos segmentos determinados e estimular que todos os participantes pensem nas relações entre todos os temas entre todos os locais do bairro. À medida que as fotos são apresentadas, solicitar que os participantes auxiliem na decisão de onde colar as fotos no mapa (ou seja, localizar a foto no mapa geopolítico). Para cada foto colada, solicitar que os participantes que fizeram anotações no bloco *post it* coleem tais anotações próximas à foto no próprio mapa real. Concluir solicitando que observem e comentem sobre a montagem fotográfica da realidade do bairro. Facilitar a



discussão com perguntas como: “Qual o segmento com o maior número de anotações em cada município?”; “Por que um segmento parece ter maior relevância em determinado bairro e não em outro?”; “Por que esse segmento aparece com menor frequência no bairro?”.


6. Definir os problemas do bairro e encontrar as soluções



FINALIDADE: detalhar a atual situação do bairro agregando (e cruzando) as informações obtidas durante a visita – elas serão apresentadas visualmente por meio de diagramas e do mapa real. Ampliar o diálogo e definir as propostas de solução dos problemas de cada segmento socioeconômico.

MATERIAL: mapa geopolítico do bairro por segmento (já realizado), dados técnicos e indicadores de “entrada” e filmadora/máquina fotográfica.

DINÂMICA: solicitar aos participantes que se dividam em novos grupos, cada um deles referindo-se a um dos segmentos. Cada grupo deve observar as anotações sobre seu segmento, utilizando os indicadores dos dados técnicos e as anotações do mapa da realidade do bairro. Cada grupo deve preparar um diagnóstico da atual situação do seu segmento. Com linguagem positiva, o facilitador deve solicitar aos participantes que identifiquem o que há de melhor em cada



bairro, por segmento. Os participantes podem fazer diagramas e anotações que sintetizem as anotações colocadas nos blocos *post it*. Conforme as ideias forem ficando mais claras, o grupo poderá utilizar uma folha de papel para apresentar o diagnóstico. Após uma hora, solicitar aos participantes que troquem de grupo para complementar as informações sobre os segmentos. Fica a critério do facilitador e dos participantes a forma de compilar as informações do diagnóstico participativo. Recomenda-se a apresentação em forma de documento que registre um resumo do cenário de cada segmento, e do conjunto de problemas e soluções levantados junto à comunidade.

Construindo o Plano de ações

O Plano de Desenvolvimento do Bairro é um caminho a percorrer rumo ao futuro. Para essa ação, o grupo de planejamento precisará elaborar com a comunidade:

- ⇒ Identificação da vocação local. Parte dessa ação foi realizada no processo de planejamento em que a comunidade identificou os ativos e as oportunidades. Agora é o momento de

definir as principais ideias que a comunidade tem a respeito da potencialidade do próprio local. Essa vocação, junto com a visão de futuro e as oportunidades identificadas para o local, vai ajudar a priorizar os programas e projetos que deverão ser propostos para o Plano.

- ⇒ Alguns bairros, devido à complexidade das propostas, poderão optar por estabelecer um eixo norteador – ou seja, uma atividade socioeconômica com a qual a comunidade mais se identifica. Os programas e projetos deverão ser priorizados de acordo com esse eixo.
- ⇒ A partir dos diagnósticos técnico e participativo e da definição dos segmentos, desenhar o cenário para cada um deles.
- ⇒ Definir os problemas e as soluções para cada segmento.

Problemas e soluções

A partir de cada segmento socioeconômico, a comunidade indica os motivos que a impedem de ter uma vida melhor e que travam seu desenvolvimento. Os problemas identificados no processo de diagnóstico incluem o levantamento de dados técnicos e comunitários.

Os programas e projetos públicos e privados existentes que solucionam os problemas levantados pela comunidade deverão ser identificados, somados aos demais programas e projetos apresentados neste item **Problemas e soluções**, e registrados no item seguinte – **Programas e projetos em andamento**.

Os programas e projetos deverão ter no mínimo uma descrição do:

1. Objetivo geral
2. Objetivo específico (resultados que pretende alcançar)
3. Responsável
4. Orçamento
5. Prazo para implementação

Programas e projetos em andamento

São atividades que a comunidade ou o Poder Público já realizam e contribuem com os objetivos do Plano, e deverão ser incorporadas ao cronograma de ação.

OBSERVAÇÃO: todos os programas e projetos elaborados ou em andamento deverão ser inseridos num cronograma de ação com objetivos e estimativas de custos.

Plano de ação / cronograma

Indica uma representação do prazo planejado para implementar o conjunto de programas e projetos ao longo de um período definido pela comunidade entre 5 e 10 anos, organizados em ordem de prioridades.



PACTO LOCAL

Deverá ser realizado um pacto local, que é um momento em que comunidade e Poder Público validam o Plano de Desenvolvimento do Bairro e assumem publicamente o compromisso de se manterem mobilizados para articular a sua execução.

Recursos para elaborar e implementar o Plano

As alternativas para captação de recursos para elaboração do Plano são:

1. Negociar com a subprefeitura para que o Plano de Bairro faça parte do Plano Regional Estratégico, conforme prevê a lei. Dessa forma, o Plano de Bairro passa a fazer parte do orçamento do município.
2. Realizado o acordo, as subprefeituras deverão garantir uma estrutura para a realização de fóruns permanentes para diálogo com os diversos Planos de Bairro e sobre a organização de uma estratégia que articule os Planos de Bairro num Plano Regional da subprefeitura.



3. Articular com vereadores a criação de projetos de lei que reconheçam a importância das ações propostas num Plano de Bairro e pleiteiem recursos para a sua implementação no todo ou em partes.
4. Buscar recursos com empresas e com organismos nacionais e internacionais de patrocínio a projetos.

Fórum de desenvolvimento local

As subprefeituras deverão realizar fóruns permanentes para o acompanhamento comunitário do Plano Regional e do Plano de Desenvolvimento do Bairro.

OBSERVAÇÃO: considerando que a elaboração de Planos de Desenvolvimento de Bairro é um instrumento novo de participação comunitária, assim como a criação dos Conselhos Participativos Municipais, esta cartilha deverá ser atualizada anualmente, incorporando novas experiências.

PRESIDENTE

Abram Szajman

DIRETOR EXECUTIVO

Antonio Carlos Borges

FECOMERCIO

ORGANIZADOR

Jorge Carlos Silveira Duarte

COLABORADORES

Conselho de Desenvolvimento

Local da FecomercioSP: Cecília

Maria Barros Tavares, Celia

Schlinthler, Cláudia Soares

Oliveira, Dalva Soares

Bolognini, Flávio Alexandre

Cardoso Alvares, Gustavo

Freiberg, Ivan Moraes, Jéssica

Kobayashi, Jorge Iffraim,

Júlio Moreno, Maria Paula

Yoshihara, Marco Antônio

Ramos de Almeida, Mônica

Mouri, Nay Bernardes, Oriana

Isabel Jara Maculet, Rodrigo

Bandeira, Vera Lúcia de

Oliveira Salvatore.

Participantes dos Fóruns

realizados na FecomercioSP

nos dias 04/04, 22/05, 11/06,

22/05 e 29/08/2013 – Fórum

do Plano Diretor Estratégico

“Planos de Bairro”

EDITORA

FISCHER

DIRETORA DE COMUNICAÇÃO

Neusa Ramos

DIRETOR DE CONTEÚDO

André Rocha

EDITORA

Tamia Angarani

ASSISTENTE DE EDIÇÃO

André Zara

PROJETO GRÁFICO

 **TUTU**

EDITORES DE ARTE

Clara Voegeli e Demian Russo

CHEFE DE ARTE

Carolina Lusser

DESIGNER

Kareen Sayuri

ASSISTENTES DE ARTE

Camila Marques e Lais Brevilheri

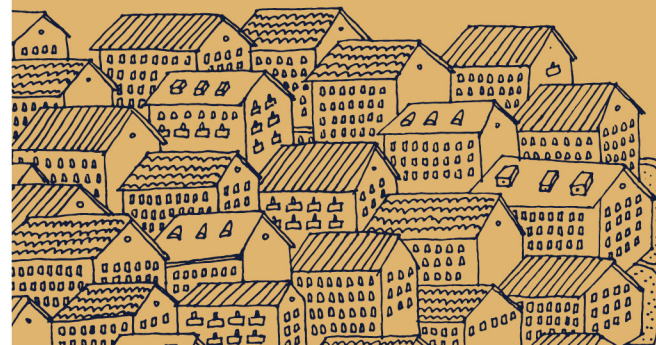
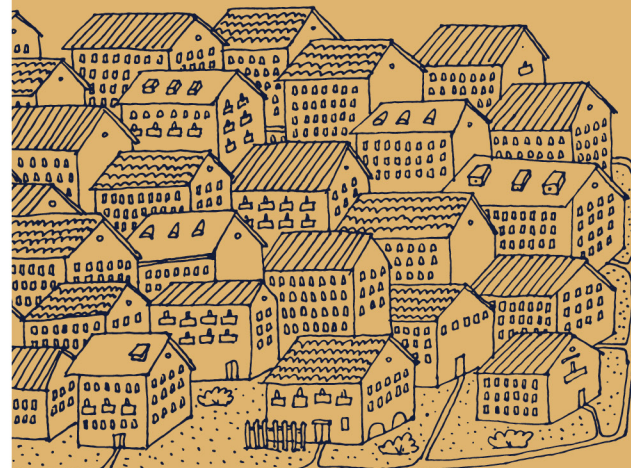
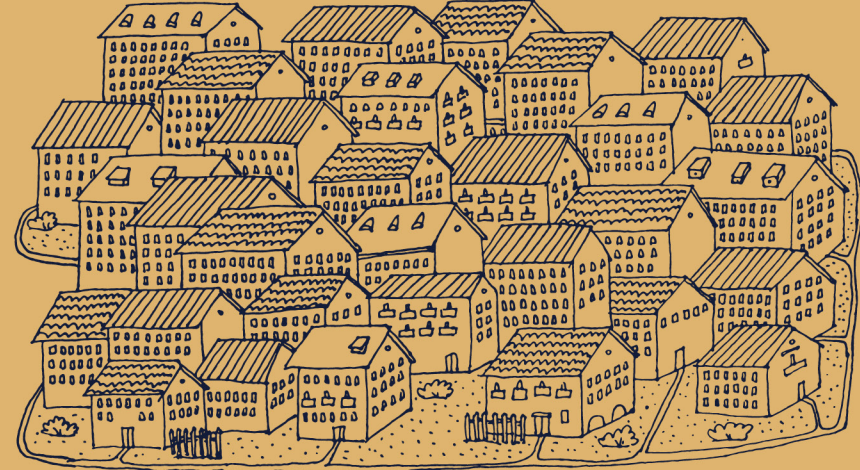
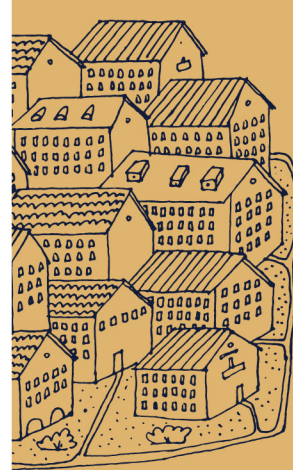
Rua Dr. Plínio Barreto, 285

Bela Vista • São Paulo

11 3254-1700 • Fax: 11 3254-1650

www.fecomercio.com.br

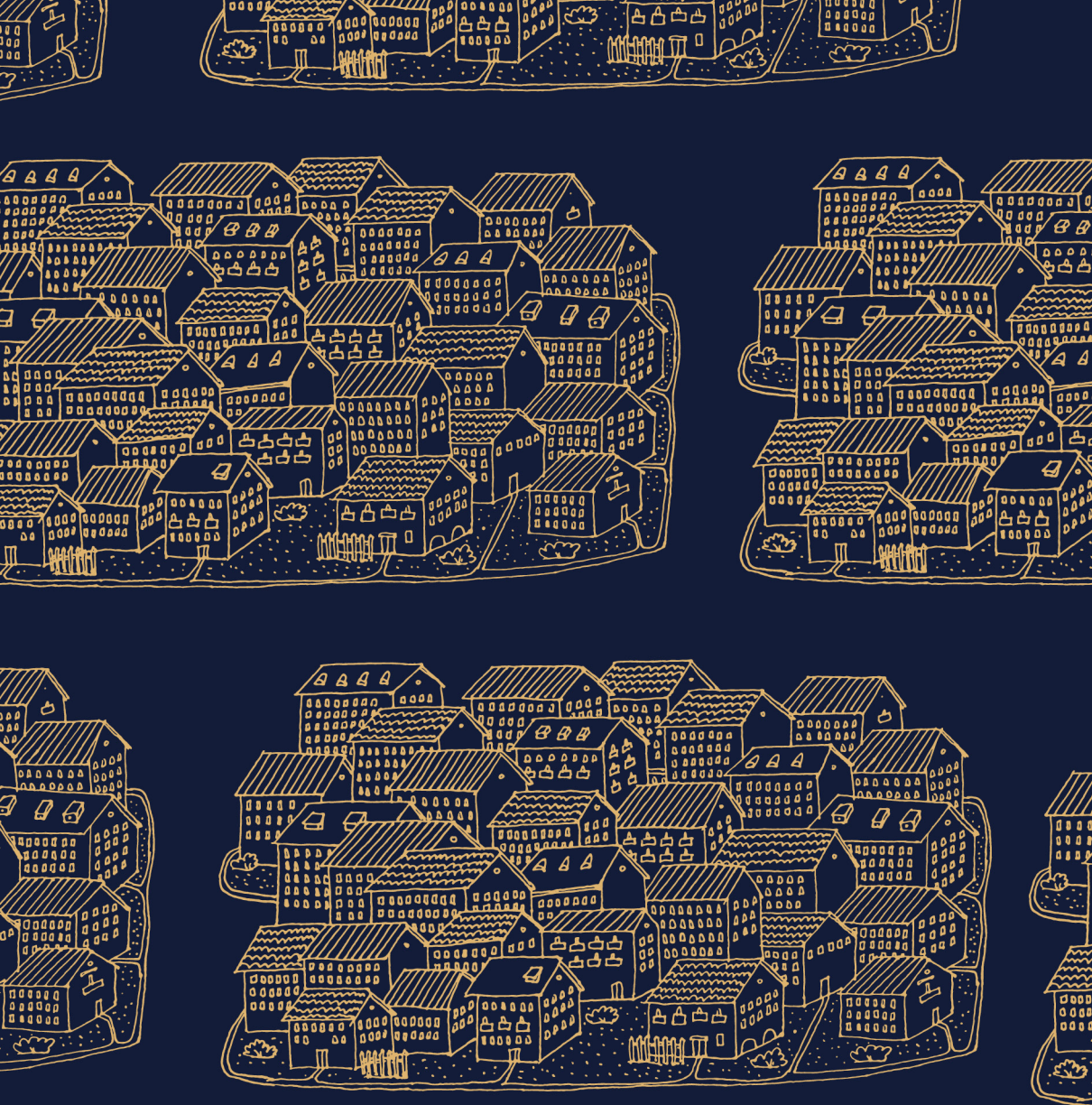




FONTES DE PESQUISA

BEZERRA, Josué Alencar. *Artigo: Como definir o bairro? Uma breve revisão.* Disponível em <http://www2.uern.br/index.php/geotemas/article/viewFile/118/109> - Acesso em 28/10/2013, às 14h30. Finalidade didática.

HICHE, Daniella. *Manual Senac de diagnóstico participativo.* Ano 2006. 12 páginas. Prefeitura de São Paulo, Desenvolvimento Urbano. Projeto de Lei do Plano Diretor Estratégico. Disponível em http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/pde_camara/PDE_2013_PL.pdf - Acesso em 28/10/2013, às 15h. Ano 2013. 96 páginas. Finalidade institucional. Senac São Paulo. Cartilha de Desenvolvimento Local. Ano 2011. 51 páginas.



DESENVOLVIMENTO LOCAL
FECOMERCIO-SP

Senac Sesc FECOMERCIO-SP

Aqui tem a presença do comércio

FECOMERCIO-SP

Representa muito para você.